



PROGRAMA OUVIDORES DE VOZES: VISIBILIDADE DA EXPERIÊNCIA DE OUVIR VOZES

Resumo: Investigar o Programa Ouvidores de Vozes como um espaço de difusão da abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes. Pesquisa-intervenção realizada em um programa de rádio de julho de 2019 a março de 2020. As informações foram coletadas do diário de campo e analisadas sob o conceito de performatividade linguística da filósofa Judith Butler. O Programa Ouvidores de Vozes configura-se como um espaço de construção de conhecimento e práticas sobre audição das vozes, associada a saberes populares e científicos, contribuindo para o deslocamento de uma identidade estigmatizante para uma de ouvidora e ouvidor de vozes (experts por experiência). Realizar o Programa Ouvidores de Vozes em uma rádio comunitária comprometida com a transformação social, mediante a democratização da comunicação, viabilizou um maior alcance da abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes para a comunidade muitas vezes aprisionada no discurso psiquiatrizante.

Descritores: Saúde Mental, Psiquiatria, Rádio.

Voice hearers program: visibility of the experience of hearing voices

Abstract: To investigate the Voice Hearers Program as a space for the dissemination of knowledge and visibility on the approach of the International Voice Hearers Movement. This is an intervention research carried out on a radio program from July 2019 to March 2020. The information was collected from the field diary and analyzed in the light of the concept of linguistic performance by the philosopher Judith Butler. The Voice Hearers Program is configured as a space for the popular construction of new knowledge and practices regarding the hearing of voices associated with scientific knowledge, contributing to the shift from a stigmatizing identity to an identity of voice hearers (expert by experience). Carrying out Voice Hearers Program on a community radio committed to social transformation, through the democratization of communication, made possible a greater reach of the International Voice Hearers Movement approach to the community.

Descriptors: Mental Health, Psychiatry, Radio.

Programa voice hearers: visibilidad de la experiencia de escuchar voces

Resumen: Investigar el Programa de Oyentes de Voz como un espacio de difusión de conocimiento y visibilidad sobre el enfoque del Movimiento Internacional de Oyentes de Voz. Investigación del tipo intervención, realizada en un programa de radio de julio de 2019 a marzo de 2020. La información fue recogida del diario de campo y analizada a la luz del concepto de actuación lingüística de la filósofa Judith Butler. El Programa de Oyentes de Voz se configura como un espacio para la construcción popular de nuevos conocimientos y prácticas sobre la escucha de voces asociadas al conocimiento científico, contribuyendo al cambio de una identidad estigmatizante a una identidad de defensor del pueblo y oyente de voces (experto por experiencia). La realización del Programa de Oyentes de Voz en una radio comunitaria comprometida con la transformación social, a través de la democratización de la comunicación, posibilitó un mayor alcance del acercamiento del Movimiento Internacional de Oyentes de Voz a la comunidad.

Descriptor: Salud Mental, Psiquiatria, Radio.

Roberta Antunes Machado

Enfermeira. Mestra e Doutora em Ciências. Especialista em Saúde da Família e Comunidade. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS/Campus Rio Grande). Integrante da Coletiva de Mulheres que Ouvem Vozes (CMOV).
E-mail: roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br

Thylia Teixeira Souza

Enfermeira. Mestra em Ciências. Especialista em Saúde Mental pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Experiência em Saúde Mental, Álcool e outras drogas, Saúde Coletiva e População LGBTIQAP+. Enfermeira em Saúde Mental da Prefeitura Municipal de Viamão/RS. Integrante da Coletiva de Mulheres que Ouvem Vozes (CMOV).
E-mail: thylia@outlook.com

Liamara Denise Ubessi

Enfermeira. Psicóloga. Doutora em Ciências. Mestra em Educação nas Ciências. Especialista em Gerontologia e Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde. Professora no curso de Medicina da Universidade Federal do Pampa. Campus Uruguaiana.
E-mail: liubessi@gmail.com

Ivon Fernandes Lopes

Assistente Social. Integrante da Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas (AUSSMP).
E-mail: ivonlopesnaval1@gmail.com

Luciane Prado Kantorski

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Mestra em Educação. Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: kantorskiluciane@gmail.com

Ariane da Cruz Guedes

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Mestra em Ciências da Saúde. Especialista em Atenção Psicossocial no Âmbito do Sistema Único de Saúde. Professora Adjunta na Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: arianecguedes@gmail.com

Submissão: 07/09/2022

Aprovação: 27/05/2023

Publicação: 10/07/2023



Como citar este artigo:

Popp NA, Costa LD, Ruaro FC, Becker KG, Battisti GP, Perondi AR. Programa ouvidores de vozes: visibilidade da experiência de ouvir vozes. São Paulo: Rev Recien. 2023; 13(41):502-510. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2023.13.41.502-510>

Introdução

Ainda hoje, se alguém relata que ouve vozes – que outros sujeitos não ouvem, imediatamente, manifesta-se no imaginário social dos sujeitos interpelados por esse enunciado, a associação dessa experiência e termo com algum transtorno mental, legitimado pelo discurso da psiquiatria clássica e, em alguns casos, dependendo da crença religiosa do interlocutor, pode ser associado a uma manifestação ligada à sua religiosidade (discurso religioso).

A enfermagem, assim como outras profissões da área da saúde, foi atravessada pelo saber hegemônico da psiquiatria clássica acerca da audição de vozes, e mesmo com todos os avanços trazidos pelo movimento da Luta Antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica Brasileira, ainda não conseguiu se desvencilhar totalmente das velhas práticas psiquiátricas, que tende a patologizar as pessoas que ouvem vozes e a “tratá-las” a partir da medicalização de seus corpos com a finalidade de silenciar essa experiência.

No final década de 1980, surge, na Holanda, O Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV), que se configura como uma prática de contradiscurso ao saber da psiquiatria clássica acerca do termo ouvir vozes e da experiência que ele simboliza, pois considera esse fenômeno como uma variante do comportamento humano, logo, passível de abarcar vários sentidos, inclusive com interpretações distantes do discurso hegemônico da psiquiatria. Para O MIOV, ouvir vozes – que outros sujeitos não ouvem – não seria um problema, mas sim a forma como cada ouvadora/ouvador se relaciona com a experiência em si^{1,2}. Este movimento aposta no suporte coletivo entre pares - grupos de ouvidores de

vozes - como um dispositivo de cuidado favorável na compreensão e no enfrentamento dessa experiência.

No Brasil, desde 2015 há iniciativas de trabalhos na saúde mental na perspectiva do MIOV, iniciadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, porém, somente em 2017 este movimento foi oficialmente difundido no Brasil, a partir do I Congresso Brasileiro de Ouvidores de Vozes, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro/RJ, ou seja, ainda é um movimento incipiente no país².

Nesse mesmo ano, o grupo de pesquisa Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), iniciou a pesquisa Ouvidores de Vozes - novas abordagens em Saúde Mental e desde então, tem-se empenhado na disseminação dessa abordagem como um cuidado que visa o empoderamento dos sujeitos que ouvem vozes sobre a sua experiência, emancipando-os de práticas e discursos psiquiátricos que produzem uma identidade associada à baixa produção de vida e estigmatizada.

Partindo do pressuposto de que toda cidadã e cidadão, a partir de suas vivências e saberes, são comunicadores em potencial, em novembro de 2018, após dois anos de contato e estudo sobre o MIOV, quatro militantes da Luta Antimanicomial (duas enfermeiras, uma artesã e um assistente social) que ouvem vozes – que outros sujeitos não ouvem – , integrantes do grupo de Pesquisa Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva da UFPEL, dos quais três integram a Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas (AUSSMPE), deram início a um projeto de extensão, o Programa Ouvidores de Vozes, que tem como finalidade à vivência e disseminação teórica e prática dessa abordagem com vistas a produzir resultados benéficos para a

comunidade, em especial para aqueles sujeitos que ouvem vozes e que de alguma forma tiveram suas experiências e corpos colonizados pelo saber e práticas biomédicas.

Ante o exposto, esta pesquisa objetivou investigar o Programa Ouvidores de Vozes como um espaço de difusão de conhecimento e de visibilidade da abordagem do MIOV como uma prática segura e resolutiva no campo da saúde mental, a partir do conceito de performatividade linguística da filósofa feminista Judith Butler.

Material e Método

Esta pesquisa é um recorte da tese intitulada *Mulheres Que Ouvem Vozes: tecendo redes de saberes e experiências acerca da audição de vozes*, construída a partir do contato das pesquisadoras com o MIOV, que resultou na implementação de um programa de rádio intitulado Programa Ouvidores de Vozes, fruto de uma construção coletiva de alguns integrantes da AUSSMPE e do Grupo de Pesquisa em Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

Durante nove meses (julho de 2019 a março de 2020), uma das pesquisadoras realizou a observação-participante no Programa Ouvidores de Vozes, registrado em diário de campo. O programa era transmitido pela RádioCom 104.5FM e as gravações podem ser acessadas pela rede social Facebook (<https://www.facebook.com/radiocompelotas/>) e pelo site da rádio (<http://www.radiocom.org.br/>). Anterior a pandemia da COVID-19, o programa acontecia semanalmente nas quintas-feiras das 13 horas às 14 horas e 30 minutos. A RádioCom surge em 1998, na cidade de Pelotas, a partir da iniciativa de algumas pessoas e sindicatos que compreenderam a

importância da democratização da comunicação.

O Programa Ouvidores de Vozes contou com a participação de diversas parcerias do segmento de usuárias (os), trabalhadoras(es), pesquisadoras (es), movimentos sociais envolvidas (os) direta ou indiretamente com as pautas da Luta Antimanicomial, do MIOV e dos movimentos feministas provenientes de diferentes regiões do Brasil e outros países. As pautas discutidas no programa foram construídas coletivamente pelo grupo que implementou esse projeto. Apesar do tema central referir-se à abordagem do MIOV, outros conteúdos o transpassaram, demonstrando que ouvidoras e ouvidores de vozes podem e devem dialogar sobre diferentes temas que lhes afetam a vida como cidadãos/cidadãos, pois elas (es) se reconhecem e fazem se reconhecer através do programa como sujeitos de direito.

As informações foram analisadas à luz do conceito de performatividade linguística da filósofa feminista Judith Butler, que entende o caráter performativo da linguagem como uma possibilidade política de tornar termos depreciativos e estigmatizantes como algo positivo a partir da sua repetição de modo afirmativo em outro contexto³. A técnica da análise das informações foi baseada em Cardano⁴, que associa três passos para a análise da documentação empírica: a segmentação da documentação empírica, que consiste na sistematização das informações coletadas do diário de campo, mediante a identificação de alguns marcadores associados ao pressuposto deste estudo; a qualificação de todos os segmentos identificados, realizada a partir de uma leitura detalhada e interativa das informações retiradas do diário de campo; e a

individualização das relações entre os atributos conferidos aos diversos segmentos, que diz respeito à utilização da experiência intelectual e pessoal das autoras, embasada no referencial teórico que sustenta esta pesquisa, empregando exercícios de distanciamento para que não haja distorções atribuídas aos procedimentos de construção e análise da documentação empírica.

Este estudo foi registrado na Plataforma Brasil sob o CAAE: 15137219.5.0000.5317 e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, sob o número de parecer 3.435.867/2019.

Resultados e Discussão

A comunicação comunitária como ferramenta de educação e transformação social na ressignificação da experiência de ouvir vozes

Apesar do advento de novas tecnologias de informação, a rádio ainda é um meio de comunicação popular, que, atualmente, pode ser acessado por celular e computador através da internet e que é utilizado como um recurso de diálogo por diferentes atrizes e atores que atuam na área da saúde com a finalidade de ampliar o conhecimento das populações sobre temáticas relacionadas à promoção de saúde e à prevenção de agravos^{5,6}.

Até este momento, dialogar sobre a experiência de ouvir vozes – que outros sujeitos não ouvem, em muitas sociedades, é considerado tabu devido ao estigma social que essa experiência representa para alguns sujeitos que a relacionam exclusivamente à esquizofrenia e esta, conseqüentemente, à loucura.

A partir da comunicação comunitária, através da implementação do Programa Ouvidores de Vozes, que contou com a participação de usuários (as) dos

serviços da saúde mental, profissionais de saúde, expertises por experiência, pesquisadoras (es) da área da saúde e afins, entre outros, foi possível criar um espaço de diálogo horizontal sobre a experiência de ouvir vozes a partir de diferentes saberes e práticas e, assim, promover a descontinuidade imediata da associação do termo “ouvir vozes” com sintoma de transtorno mental, além de validar os grupos de ouvidores de vozes como dispositivo de cuidado possível de ser implementado nos serviços de base territorial, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e na Atenção Básica (AB).

Anteriormente ao discurso psiquiátrico, o termo “ouvir vozes” e a experiência que ele simboliza tiveram diferentes sentidos e significados, responsáveis pelo reconhecimento social dos sujeitos que experienciavam a audição de vozes^{7,8}. Isso ratifica a ideia de que os discursos sobre um determinado termo e experiência são construídos histórico e socialmente, porém, são assimilados pela sociedade como naturais, em razão de serem frequentemente reiterados, tornando-se parte da cultura como algo natural, por estarem consolidados dentro de discursos seculares considerados hegemônicos.

F.C. associou a audição de vozes como algo perigoso. Relacionou a experiência com solidão, abandono, depressão, como algo negativo, e disse que as pessoas que ouvem vozes estão doentes (DC, Programa Ouvidores de Vozes, 16/01/2020).

[...] mas nós, do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes, não necessariamente a gente vê os sujeitos como doentes por ouvirem vozes. A gente está dizendo F.C, que isso, e para os sujeitos que nos ouvem também, que isso é da natureza humana. Para alguns sujeitos, sim, as vozes podem levar ao sofrimento, e vão precisar de ajuda, ou o sofrimento pode levar à experiência de ouvir vozes, mas isso não é regra, são algumas

situações, sim, que estão nos serviços (DC, Programa Ouvidores de Vozes, 16/01/2020).

Este programa é um espaço em que todas e todos participantes, assim como as/os ouvintes que interagiram durante o programa através de mensagens de texto pelas redes sociais (Facebook e WhatsApp) e por telefone, puderam expressar suas opiniões e saberes sobre a temática. Nesse espaço, a construção de saberes ocorreu de forma coletiva, contrapondo-se ao modelo hegemônico da psiquiatria clássica, em que há somente um interlocutor que detém a ciência sobre a experiência, o psiquiatra.

O Programa Ouvidores de Vozes, a partir da potência dos encontros, do fazer e aprender juntos, da polifonia das vozes das/os interlocutoras (es), os quais buscaram comunicar a sua experiência à sociedade de uma forma sensível e não estigmatizante, permitiu que o termo e a experiência em si fosse reiterada de forma a subverter o discurso que o vincula a um fenômeno patológico, ao ponto de questionar as práticas de cuidado que provém do discurso psiquiátrico e que ainda é hegemônico e regula o termo, a experiência e os corpos daquelas (es) que experienciam as vozes.

Utilizando-se de quatro movimentos dialéticos (focalização, restituição das vozes à normalidade, atribuição de sentidos, valorização da experiência), o programa favorece a agência linguística, que permite a repetição do termo e da experiência de ouvir vozes com outro propósito³.

[...] para I.N., conhecer o Movimento de Ouvidores de Vozes foi muito importante porque “se antes eu escutasse falar em ouvidores de vozes eu já ia associar à loucura instantaneamente, mas agora minha visão mudou completamente” (DC Programa de Ouvidores de Vozes, 07/11/2019).

L.D inicia o programa dizendo que há vários

discursos sobre essa experiência, o discurso místico, religioso, o discurso hegemônico da psiquiatria e muito recentemente o discurso do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes, o qual faz muito sentido para nós, pois permite que seja realizado em primeira pessoa, ou seja, pela própria pessoa que vive essa experiência. (DC, Programa de Ouvidores de Vozes, 07/11/2019).

(Re) significar o termo “ouvir vozes”, é possível devido a “temporalidade aberta dos signos”, uma característica da linguagem que permite que uma determinada palavra, neste caso, ouvir vozes, quando reiterada em um contexto distinto daquele que em algum momento histórico já se apropriou dela (contexto psiquiátrico, por exemplo), torna-se livre para ser recitada com propriedade política. Uma vez que, os termos (signos) são repetíveis e parcialmente autônomos, portanto, não estão presos aos seus contextos históricos, por isso podem ser expropriados de um contexto para outro e recitados de forma radical³.

No Programa Ouvidores de Vozes, as/os expertises por experiência dialogavam sobre às vozes a partir do seu conteúdo, da sua origem, do impacto nas suas vidas, oferecendo a elas sentidos que tenham valor para si, de acordo com sua história de vida, trazendo essa experiência para o campo da subjetividade. Assim, ouvir vozes, deixou de ser apenas uma experiência de sentir palavras aleatórias, como ainda descreve o saber científico e que foi assimilado pelo senso comum, ao contrário, a experiência pôde ser compreendida como uma mensageira que faz emergir sentimentos, emoções, traumas, ancestralidade, enfim, algo imerso no âmago das (os) ouvidores (es) de vozes².

[...] alguns sujeitos relacionavam a sua experiência com as vozes com uma experiência de vida, as vozes como

mensageiras que contam algo sobre si [...] o sentido dado às vozes, no grupo da Itália, é bem diversificado, parecido com o nosso grupo que temos na comunidade [...]. A gente tem uma corrente muito forte no nosso grupo [Voz as Nossas Vozes] que relaciona a experiência com as vozes ou parte dela com a espiritualidade [...] (DC Programa Ouvidores de Vozes, 09/01/2020).

[...] a própria C.C., a gente acabou de ler um trecho aqui, que ela diz que teve um aprendizado com as vozes e o quanto isso foi importante para a vida dela. No texto, ela relata que ficou em silêncio por 12 anos, mas que usou o seu aprendizado com as vozes para buscar entender o que elas estão lhe comunicando. Ela conseguiu ressignificar a sua experiência com as vozes a partir de um sentido positivo, distante do sentido atribuído pela psiquiatria (DC Programa Ouvidores de Vozes, 16/01/2020).

A partir do surgimento do MIOV, muitas informações sobre ouvir vozes, que até pouco tempo eram desconhecidas, passaram a ser divulgadas no meio científico, o que contribuiu para que profissionais da saúde tivessem acesso a um saber alternativo ao da psiquiatria clássica em relação à audição das vozes. Acredita-se que essas informações também devam chegar a todas(os) cidadãs(ãos), em especial aos sujeitos que ainda não descobriram estratégias para lidar com a experiência sem evoluir para o sofrimento psíquico. Desse modo, o Programa Ouvidores de Vozes contribuiu para a democratização e a popularização da informação sobre a experiência de ouvir vozes, embasada em uma abordagem que visa o empoderamento dos sujeitos em relação à sua experiência, emancipando-os de saberes e práticas patologizantes e medicalizantes.

Contudo, o programa também alcançou as/os trabalhadoras (os) dos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Município de Pelotas e

região, os quais interagiram de forma síncrona no programa através de mensagens por WhatsApp e na página da rádio no Facebook. Essa interatividade permitiu discutir sobre os grupos de ouvidores/as de vozes como um espaço seguro para se partilhar as histórias de vida com as vozes, acolhedor ao ponto de promover a ampliação de rede de apoio e como um dispositivo complementar a RAPS, em especial para aqueles serviços que ainda não trabalham com essa abordagem.

Dona E. chegou ao grupo de ouvidores de vozes hoje. Relatou ao grupo que estava escutando o Programa Ouvidores de Vozes na RádioCom e que escutou que o grupo seria na praça. Resolveu vir ao nosso encontro, nos contou que sua filha ouve vozes e que ela gostaria de saber mais sobre como abordamos essa experiência, que a C. A., psicóloga do CAPS onde a filha faz tratamento já havia comentado do grupo para ela, e hoje ela resolveu vir ao grupo (DC, Grupo Voz às Nossas Vozes, 13/02/2020).

Concluído o Programa de Ouvidores de Vozes, nos dirigimos para o Mercado Público para encontrar algumas pessoas que estavam indo pela primeira vez ao grupo. Essas pessoas são da lista de interessados em participar do grupo Voz às Nossas Vozes e que são acompanhadas pelos CAPS Porto, Baronesa e Zona Norte (DC, ínterim entre Programa Ouvidores de Vozes e Grupo Voz às Nossas Vozes, 13/02/2020).

Os trechos acima, demonstram a efetivação do programa como um dispositivo inovador de translação do conhecimento, pois o programa ocorreu de forma dinâmica, interativa e promoveu um intercâmbio entre diferentes saberes e atores sociais de forma ética, comprometida com a promoção da saúde mental, inclusive indicando estratégias comunitárias para as/os ouvintes. Ressalta-se que mesmo que os demais dispositivos de saúde mental não tenham implementado grupos de ouvidores de vozes, os

mesmos se mostraram abertos para indicar o grupo que acontecia na comunidade como uma possibilidade de assistência complementar ao tratamento no CAPS.

O reconhecimento social da ouvidora e do ouvitor de vozes a partir do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes

A leitura da característica de contradiscurso do MIOV, a partir da filósofa Judith Butler, nos remete a uma das propostas políticas da Teoria *Queer*, que é a criação de condições linguísticas de sobrevivência que possibilita o reconhecimento social dos sujeitos que divergem das normas sociais hegemônicas⁹⁻¹⁰.

Desde a década de 1980, o MIOV introduz um novo termo no léxico da saúde mental: *a/o ouvidora/ouvitor de vozes*. Mediante uma explosão discursiva sobre o significado e o sentido da experiência de ouvir vozes – que outros sujeitos não ouvem –, a partir de uma perspectiva antropológica, sociológica e psicológica, ouvir vozes passou a ser compreendido como uma variação do comportamento humano, logo, como parte fundamental da identidade de um sujeito¹¹.

Ao examinar qualquer binarismo que provoca hierarquia e exclusão, por exemplo, normal ou patológico, no qual ouvir vozes integra o segundo termo desde o século XIX, a Teoria *Queer* mostra que o segundo termo do binário não é submisso e dependente do primeiro, mas, sim, um termo livre que pode tecer significados próprios que não estejam necessariamente relacionados ao primeiro termo do par¹⁰.

I.N. relata que somente na idade moderna é que essa experiência de ouvir vozes passou a ser associada a sintoma de adoecimento psíquico. No final da década de 80, surge o Movimento Internacional de Ouvidores de

Vozes, que compreende as vozes como parte da experiência humana e considera os ouvidores como *experts* por experiência (DC, Programa de Ouvidores de Vozes, 07/11/2019).

A identidade de ouvidora/ouvitor de vozes emerge da rejeição daquela produzida pela psiquiatria para os sujeitos que ouvem vozes, *a/o* esquizofrênica (o). Essa identidade é eminentemente considerada como a mais estigmatizante atribuída a um sujeito por meio de um diagnóstico psiquiátrico, uma vez que está associada à baixa capacidade de produção de vida. Para alguns sujeitos, o rótulo psiquiátrico de esquizofrenia possui mais caráter de sentença de morte do que um diagnóstico médico^{11,12}.

No Programa Ouvidores de Vozes, há uma inversão da relação convencional entre o saber psiquiátrico e o saber dos *experts por experiência* – ouvidoras (es) de vozes, marcada pela notória valorização do saber do sujeito que ouve vozes, que produz o deslocamento da identidade de esquizofrênica (o) para ouvidora/ouvitor a partir da transição de uma linguagem técnica de patologia biológica para uma linguagem performativa que está aberta à discussão das suas emoções e da sua história de vida¹¹.

Essa transição linguística ocorre, segundo a *Teoria Queer*, porque o ato de repetir um determinado termo não é uma simples imitação, pois na repetição há diferença, dado que esse processo nunca é feito de modo igual, com os mesmos propósitos e contextos. Dessa forma, é na repetição e na diferença que há a possibilidade de mobilidade na construção de sentidos⁹.

[...] L. D acrescenta que um dos objetivos desse programa é enfrentar esse modelo biomédico que reduz a experiência da audição de vozes a um sintoma e a pessoa a uma

doença e da mesma forma enfrentar esse paradigma para a construção de produção de vida (DC, Programa Ouvidores de Vozes, 07/11/2019).

Eu sou um ouvitor de vozes também, mas hoje eu já sei trabalhar com minhas vozes... J.F relata que também é ouvitor de vozes e que hoje escuta as vozes de uma forma tranquila. L.D diz que já ouviu relatos de pessoas que estranham quando param de ouvir as vozes (DC, Programa de Ouvidores de Vozes, 07/11/2019).

Ser uma/um ouvidora/ouvitor de vozes certamente não é tudo o que esse sujeito é, uma vez que essa variação humana é apenas parte de toda a pluralidade que o constitui como sujeito. Dessa forma, cabe salientar que não é objetivo do MIOV criar mais um rótulo ou uma hierarquia entre o binário normal/patológico, dado que a intenção primária do movimento é despatologizar a experiência mediante a sua ressignificação e a do termo “ouvir vozes” e, conseqüentemente, tornar as ouvitoras (es) de vozes sujeitos sociais produtivos, capazes de ter autonomia sobre suas vidas, de realizar seus desejos, de vivenciar suas dores e alegrias sem que elas sejam transformadas em transtornos mentais.

O sujeito social ouvitor/ouvitor de vozes, diferentemente daquele criado pelo discurso psiquiátrico, possui reconhecimento social positivo, visto que o MIOV reivindica o reconhecimento dessa experiência dentro do território da diversidade humana. As narrativas da (o) ouvitor/ouvitor são valorizadas, diferentemente daquelas (es) que são reconhecidas (os) como esquizofrênicas (os), que tendem a estar fora do discurso, pois a psiquiatria valoriza as narrativas que cabem dentro daquilo que ela sistematizou como verdade alçada no pensamento lógico e concreto¹³.

O Programa Ouvidores de Vozes configura-se como um espaço de construção popular de novos conhecimentos e práticas acerca da audição das vozes associada a saberes científicos. Por intermédio do Programa, aconteceu a disputa pelo reconhecimento dessa experiência para além do que diz o paradigma hegemônico psiquiátrico, através do discurso das (os) expertises por experiência, pesquisadoras (es), trabalhadoras (es) e estudantes do campo da saúde mental.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou investigar o Programa Ouvidores de Vozes como um espaço de difusão de conhecimento e de visibilidade sobre a abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes mediante a observação-participante de uma das pesquisadoras, a partir do conceito de performatividade linguística, cunhado pela filósofa feminista Judith Butler.

Realizar o Programa de Ouvidores de Vozes em uma rádio comunitária que desde a sua fundação está comprometida com a transformação social, mediante a democratização da comunicação, viabilizou um maior alcance da abordagem do MIOV para a comunidade, que não se restringiu apenas à cidade do estudo, pois, estando vinculada a outras mídias sociais, pôde ser acompanhada por ouvintes da região, do Estado, do Brasil e de outros países. O método utilizado para realização do programa foi o da educação popular, o que permite o reconhecimento e a valorização dessa experiência a partir da realidade dos sujeitos que a vivenciam.

O programa de rádio contribuiu para o deslocamento de uma identidade estigmatizante para uma identidade de ouvitor/ouvitor de vozes

(experts por experiência), que ocorre a partir da transição de uma linguagem técnica para uma linguagem performativa, que permite agência e essa transformação política e social dos sujeitos. A performatividade linguística atua como uma ação social com efeito de mudança, o que permite que termos que têm a intenção de injuriar, estigmatizar, rotular, entre outros, possam ser ressignificados distantes de sua intenção primária. Esse conceito permite que compreendamos a linguagem como produtora de ação, agindo, inclusive, na formação de identidades e reconhecimento social, uma vez que ela também age nas práticas sociais.

Apesar da área da saúde utilizar os diversos meios de comunicação e redes sociais para realizar ações de promoção da saúde e prevenção de agravos a bastante tempo, pode-se dizer que o Programa Ouvidores de Vozes, foi um projeto inovador e inédito no Brasil, pois trouxe para o debate um tema incipiente e silenciado em nosso país. A partir de uma metodologia baseada na horizontalidade entre os saberes oriundos das expertises por experiência e da academia, o programa tem contribuído para uma mudança sociocultural e de saúde referente a forma de compreender e cuidar dos sujeitos que tem na sua história de vida a experiência de ouvir vozes.

Referências

1. Romme M, Escher S. Na companhia das vozes: para uma análise da experiência de ouvir vozes. Lisboa: Estampa. 1997; 404.
2. Cardano M. O Movimento Internacional de Ouvidores de vozes: as origens de um tenaz prátia de resistência. J Nurs Health. 2018; 8(Spe):e188405.
3. Butler J. Excitable speech: a politics of the performative. Londres: Routledge. 1997; 200.
4. Cardano M. Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes; 2017; 376.
5. Oliveira Neto A., Pinheiro R. O que a saúde tem a ver com rádio comunitária? Uma análise de uma experiência em Nova Friburgo - RJ. Cien Saúde Colet. 2013; 18(2):527-536.
6. Silva BB, Travasso SQ, Mallmann DG, Vasconcelos EMR. Use of radio to health education: perception of the community health agente. Rev Baiana Saúde Pública. 2017; 41(3):734-746.
7. Fernandes HCD. Alucinação auditiva: sintoma de uma doença ou possibilidade de um ser doente? Pólemos. 2017; 6(12):48-68.
8. Fernandes HCD, Zanello V. Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. J Nurs Health. 2018; 8(n.esp.):e188414.
9. Borba R. Linguística Queer: uma perspectiva pós identitária para os estudos da linguagem. Entrelinhas. 2015; 9(1):91-107.
10. Butler J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Louro G. organizador. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 1999; 151-172.
11. Woods A. The voice-hearer. J Ment Health. 2013; 22(3):263-70.
12. Kantorski LP, Machado RA, Alves PF, Pinheiro GEW, Borges LR. Voice listeners: characteristics and relationship with the voices. J Nurs Health. 2018; 8(Spe):e188430.
13. Kantorski LP, Ramos CI, Gentile CS, Oliveira MLC, Machado RA, Oliveira MM. Audición de voces: análisis de registros em pronturios de un centro de atención psicosocial. Rev Urug Enferm. 2019; 14(1):7-18.